

1. RECENSÕES

António Rafael AMARO, *A SEARA NOVA nos anos vinte e trinta (1921-1939)*. — *Memória, cultura e poder*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, Pólo de Viseu — Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social, 1995, 177 p.*

A História de Portugal, ao longo de apenas cerca de quatro décadas (1890-meados dos anos 1930), atravessou um período de grandes transformações, como se pode deduzir do elevado número de eventos significativos que então ocorreram. Entre outros, mantêm-se bem vivos, na nossa memória colectiva, os seguintes: Ultimato Inglês (1890), primeira tentativa de revolução republicana (1891), regicídio (1908) e proclamação da República (1910), participação de Portugal (1916-18) na I Guerra Mundial (1914-1918), queda da I República e instauração da Ditadura Militar (1926), institucionalização do Estado Novo (1932) e promulgação de um novo texto constitucional (1933).

Subjacentes e ligados a estes fenómenos, de natureza essencialmente político-militar — que poderíamos chamar “de superfície” —, outros houve, do domínio da cultura e das mentalidades, não menos relevantes mas, em geral, menos conhecidos. Com efeito, verificaram-se confrontos de ideias, programas e sugestões — por vezes através de inflamadas polémicas —, não só culturais como de intervenção social, definiram-se estratégias, que se procurou pôr em prática, consoante os respectivos condicionalismos.

Entre outros grupos de intelectuais e de observadores atentos — da realidade histórica e coeva — salientou-se o da *Seara Nova*, com destaque para António Sérgio (1883-1969). No livro que ora se apresenta, estudam-se as principais coordenadas do programa de acção da *Seara Nova* — como revista e como empresa — e dos seareiros, não só em termos ideológico-filosóficos, como no que concerne às estratégias adoptadas e à sua relação com a cultura, a política e o poder.

Após uma «Nota prévia», segue-se um «Prefácio» de Fernando Catroga, orientador científico da dissertação de Mestrado que esteve na origem do presente

estudo. Além de ter destacado alguns dos aspectos de maior interesse do estudo em questão, sublinha ainda Fernando Catroga (p. 12):

«Por tudo isto (e muito mais), a obra de António Rafael Amaro passará a constituir uma peça incontornável na bibliografia sobre o movimento *Seara Nova*. E se alguns dos mentores da revista (casos de António Sérgio, Raul Proença, Jaime Cortesão) já estão relativamente bem estudados, continuavam a faltar análises de conjunto que ultrapassem o tom apologético com que certo ensaísmo historiográfico tem valorizado este movimento».

Na «Introdução» (p. 13-27), o autor faz o enquadramento do assunto, sob as perspectivas temática e cronológica. Sublinha, por exemplo, a relação dos seareiros com a história e, bem assim, o que genericamente os unia. Quanto ao primeiro tópico, destaca a importância que tinha, para o grupo, não só a história, em si mesma, mas sobretudo a perspectiva que dela tínhamos, ou seja a nossa *memória histórica*. «Forjar, portanto, uma outra memória sobre nós mesmos esteve no cerne das suas [dos seareiros] principais preocupações culturais e políticas». Procuraram, em certo sentido, tornar-se «senhores da memória e esquecimento». A propósito, já foi também salientado:

«A preocupação do ensaísta [A. Sérgio] é menos a de informar sobre História do que a de formar os espíritos, sobretudo dos jovens, para uma visão filosófico-sociológica dos factos “como preparação para a obra de elevação do Povo que lhe cumpre agora empreender”» (Ferreira, 1983: 434).

Dado o lapso de tempo abrangido — cerca de duas décadas —, a diversidade dos colaboradores e a ausência de um programa específico, a *Seara* apresenta “várias espigas”, como revela o autor. Contudo, unia os seareiros «um conjunto de valores, uma atitude de espírito que eles consideravam essenciais: espírito crítico, do método científico, do rigor, sinceridade e probidade do pensamento, cada vez mais raros no nosso país», como se lia na própria *Seara Nova* (01.08.1925, *apud* Amaro, 25, n. 1). Consequentemente, «Sérgio e os seareiros continuavam a defender a supremacia do espiritual sobre o século e a ver nela a via privilegiada para a reforma dos costumes e das instituições» (Catroga, 1983: 14).

No capítulo I (p. 29.56), António R. Amaro analisa «as estratégias de acção política do grupo» da *Seara Nova*. Pouco depois do advento da República, devido a um certo desencanto — em virtude de as realizações não terem correspondido às expectativas criadas e à propaganda efectuada —, surgiram várias soluções para a questão nacional. Segundo Borges de Macedo (1983: 478), podem distinguir-se quatro correntes, que apontavam nas seguintes direcções: *a*) uma alternativa de expressão existencial (o saudosismo de Teixeira de Pascoais); *b*) a humanístico-republicana (com Jaime Cortesão); *c*) a *técnico-funcionalista* (Ezequiel de Campos, Basílio Teles, Albano de Sousa e, posteriormente, António Sérgio); *d*) e a tradicionalista (que remontava ao jornal *A Nação*, 1847-1885).

Nos anos 20 e 30, a conjuntura histórica torna-se mais complexa, o que induz também a procura de novas estratégias. É que, além de alguma frustração provocada pelas esperanças não concretizadas pelos governos republicanos, verificou-se também um certo agravamento económico e social — na sequência do primeiro conflito mundial e instabilidade política subsequente —, ao mesmo tempo que novas propostas se procuravam afirmar, por exemplo, na órbita do Integralismo Lusitano. Surge, então, a *Seara Nova*, cujo n.º 1 veio a lume em 15 de Outubro de 1921. A iniciativa partiu de um dos grupos da Biblioteca Nacional. Como se pode verificar pela figura 1 da obra em epígrafe (p. 47), das diversas áreas temáticas focadas na revista nos primeiros cinco anos da sua existência (1921-26), sobressaíam: política 47,58%, vária (21,95%) e história (15,42%). No que toca a esta última, a *Seara Nova* mantinha-se fiel ao diagnóstico feito pela geração de 70, quanto à nossa decadência. Para Silva Dias, tratou-se de um dos grandes erros da *Seara Nova*, ao voltarem a dar «respostas de natureza ideológica e cultural para problemas políticos e sócio-económicos» (Amaro, 1995: 38).

É certo que a Economia também preocupava os seareiros. Ezequiel de Campos e Quirino de Jesus colaboravam em temas sobre Economia e Finanças, respectivamente. Aquele, em *A crise portuguesa* (1923), fazia o seguinte diagnóstico:

«O custo de vida do ano de 1922 é 12 vezes maior que o de 1914 e duplicou em 1923-24; além de tudo, os seus efeitos sociais: alargamento da miséria e crime, diminuição da saúde pública, dos serviços médicos de assistência e beneficência, o aumento dos infantidícios, dos nado-mortos, das crianças enférmicas, da mortalidade e da emigração» (Veiga, 1993: 155). Com a instauração da Ditadura Militar (28.05.1926), as condições alteram-se, devido à falta de liberdade e à própria censura prévia. A *Seara Nova* passa, assim, a adoptar nova estratégia, secundarizando a política (22,17%), em favor de “vária” (36,84%) e de cultura/literatura/arte (26,71%) (figura 2, p. 50). A *Seara Nova* atravessa então um período difícil (1927-1933), durante o qual é atacada à esquerda — alguns republicanos culpam-na pela queda da I República — e à direita, ao pretenderem indentificá-la com o comunismo (p. 50). Entretanto, António Sérgio, que havia estado exilado em França, passa a focar na *Seara Nova* — no final do mencionado período — a temática do cooperativismo (Costa, 1883). Todavia, a primazia do espiritual sobre o material não ajudam a desenvolver, frequentemente, os temas económicos.

O último período estudado (1933-1939) «acabou por estar condicionado, em termos temáticos e estratégicos, pelo combate possível a um regime anti-liberal, autoritário, anti-democrático, corporativista e anti-socialista, que obrigou a *Seara Nova* a rever muitas das suas formas de divulgação ideológica. Assiste-se, então, a um crescente abandono da pequena política, em favor de uma doutrinação mais cultural» (p. 53).

O capítulo II (p. 57-82) tem por título: «A *Seara Nova*: Lugar de memória da luta pela modernidade». Começando por tecer algumas considerações sobre o conceito de *modernidade*, o autor analisa os princípios fundamentais defendidos

pelos seareiros. Estes, além do racionalismo crítico, colocavam-se numa tradição que remontava, pelo menos, ao Iluminismo, tendo ainda por referentes vultos importantes da nossa cultura setecentista e oitocentista: Verney e Herculano, Mouzinho da Silveira, Antero, Oliveira Martins, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Para modernizar Portugal, era necessário «dar prioridade absoluta à educação das elites, de modo que, a prazo, se tornassem hegemónicos, na cultura política dos dirigentes, o pensamento crítico e as atitudes racionais» (p. 65). Alude, também, a diversas polémicas, em que aparecem António Sérgio, de um lado, e professores universitários, do outro (Macedo, 1983). Os seareiros defendiam também a nossa abertura à cultura europeia e a reactualização de uma tradição cosmopolita, a qual havia caracterizado o período áureo dos Descobrimentos (p. 70).

No capítulo III (p. 83-123) foca-se «o idealismo filosófico e político da *Seara Nova*». Como destaca o autor, logo no início do capítulo, para a crise endémica e secular que perseguia Portugal, a solução passava pelo regresso à supremacia do Espírito sobre a Matéria (p. 83). Por esta via, os ideais filosóficos da *Seara Nova* ligavam-se não só ao legado cultural anterior como, inclusive, ao do próprio Cristianismo. Ao invés, opunha-se ao materialismo dialéctico e ao marxismo. Sobre o assunto, adverte António R. Amaro:

«Nada no socialismo seareiro se identifica com o socialismo defendido pelos marxistas. Pois, ao contrário destes, entre outras diferenças fundamentais, a justiça social, mais do que dependente das relações sociais de produção, ela é o “reflexo da justiça interior de cada um dos seus membros, ou, pelo menos, da justiça interior da elite dirigente de uma nação”».

Ainda neste capítulo, são focados os seguintes tópicos: legitimidade e ilegitimidade das revoluções — tema sobre o qual chegou a haver algumas divergências entre os seareiros — e liberalismo, democracia e tentações totalitárias na *Seara Nova* e, por último, a democracia social, o socialismo liberal e a democracia cooperativa, expressões através das quais se definia o *socialismo democrático* da *Seara Nova*.

No capítulo IV e último, sobre «cultura, política e poder», são objecto de estudo o primado da cultura na acção política, os novos desafios culturais e ideológicos (1926-39) e a passagem de uma hegemonia cultural e ideológica na contestação ao Estado Novo à concorrência com novos discursos. Assim, enquanto a montante — do ponto de vista cronológico — a *Seara Nova* “combateu” o jacobinismo republicano, o Integralismo Lusitano e o próprio marxismo, veio a opor-se igualmente não só à cultura oficial do Estado Novo, como àquela que estava nos seus antípodas, ou seja, a subjacente à arte e à literatura neo-realistas.

Na conclusão voltam a ser destacadas algumas das linhas de força da *Seara Nova* — nos domínios do pensamento e da filosofia mas também da acção —, nas

“lutas” que foi travando ao longo das primeiras duas décadas da sua existência, ou seja, até à altura em que Sérgio abandonou a direcção, em 1939.

Como se infere do que sucintamente se acaba de expor, a *Seara Nova* — empresa, revista e os que a dirigiam, nela colaboravam ou contribuíram para a manter — desempenhou um papel importante na dinâmica cultural dos anos 20 e 30. Não obstante o que certa historiografia tem defendido, a (aparente?) acalmia política, a partir de 1926, não tinha correspondência — nem, aliás, podia ter no domínio ideológico-cultural. Houve confronto, divergências, projectos e acções diferentes, pelo menos entre certas elites. Pela *Seara Nova* — perspectivada não só como órgão de divulgação cultural mas também como fonte histórica, a exemplo do que fez António Rafael Amaro — passaram ideologias e estratégias culturais, memória histórica, heróis e “novos” heróis, pedagogia democrática e ideais de civismo, a ideia de regeneração e os projectos para a conseguir, o espiritual *versus* o material. Por tudo isso, o trabalho ora editado passará a constituir um importante contributo para um melhor conhecimento dos “loucos anos 20”, mas também dos complexos e contraditórios anos 30. Como é sabido, durante estes consolidaram-se regimes autoritários e/ou ditatoriais que, na Guerra Civil de Espanha e na II Guerra Mundial, encontrariam ensejo para afirmar toda a sua crueldade, contrária ao “novo humanismo” que a *Seara Nova* ajudou a lançar.

José Amado Mendes

NOTAS/BIBLIOGRAFIA

* O texto que ora se publica, anotado, serviu de base à apresentação da obra em epígrafe (em 23.11.1995), no Encontro *Gestão em Análise*, promovido pelo Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social, que teve lugar em 23 e 24 de Novembro de 1995, no Pólo de Viseu do CRB da Universidade Católica Portuguesa.

¹ CATROGA, Fernando, 1983, «Dialogar com António Sérgio», *Revista de História das Ideias*, 5: *António Sérgio*, t. I, p. 7-19 (também o t. II, do vol. 5 desta mesma revista, é dedicado a António Sérgio).

COSTA, Fernando Ferreira da, 1983, «O pensamento cooperativo de António Sérgio e as correntes cooperativas francesas», *Revista de História das Ideias*, 5: *António Sérgio*, t. I., p. 367-383.

FERREIRA, Olga de Freitas da Cunha, 1983, «António Sérgio e os integralistas», *Revista de História das Ideias*, 5: *António Sérgio*, t. I, p. 427-469.

MACEDO, Jorge Borges de, 1983, «Significado e evolução das polémicas de António Sérgio. A ideologia da razão (1912-1930)», *Revista de História das Ideias*, 5: *António Sérgio*, t. I, p. 471-531.

VEIGA, João Conde, 1993, *Ezequiel de Campos. O homem e a obra*, Porto, Lello & Irmãos-Editores.